

Monumento democrático

- 8 SET 1986

Boa escolha, a do nome Panteão da Liberdade e da Democracia.

E ótimo o método, ao preferir recorrer a recursos privados e não estatais dispensando mais uma sobrecarga aos sofridos cofres públicos.

O nome é bom, porque ecumênico. Amplo bastante para acolher todo mundo. Sem discriminações. Afinal de contas, democracia deve ser assim e o seu monumento outro tanto, um lugar para confraternização e emulações, não o local para disputas de prioridades nem precedências. Quando veio a anistia, mais uma na longa história brasileira, foi para congraçar e superar o passado. O passado passou, por definição até pleonástica. O que fica é a história propriamente dita. Lições para serem evitados antigos erros e de esperança às inovações.

Todo País, com tradição democrática, tem o seu panteão.

Em Paris, com este nome mesmo, o "Panthéon", numa antiga igreja reformada em estilo grego pela Revolução Francesa. Lá estão desde Rousseau, um dos teóricos da Revolução, a Jaurés, um dos pais da moderna socialdemocracia. Com extrema dificuldade se acrescenta alguém lá. Torna-se necessária não só aprovação parlamentar, como também, e principalmente, da opinião pública.

Parece, à primeira vista, que só turistas visitam o monumento, mas as crianças ali também vão, em grupos sucessivos, geração

após geração. Uma escola viva de cívismo, centro de peregrinação nacional, até internacional na medida da influência mundial francesa.

Nos Estados Unidos, naturalmente de novo na capital, Washington D.C., são os templos gregos em honra de Jefferson e Lincoln, perto do obelisco de George Washington, em meio a parques e avenidas, que representam o equivalente de um descentralizado panteão. Ao lado do Cemitério Nacional de Arlington, acolhendo os ex-combatentes heróis de guerras. Tudo patriótico, porém aberto e vivo.

Seria possível continuar a lista.

A Abadia de Westminster, onde ocorreu o recente casamento de um príncipe, televisionado para o mundo inteiro, abriga poetas e não só generais e políticos, em pleno centro de Londres.

E assim por diante.

No Brasil, graças a Deus, não se precisou de uma guerra civil para construção de um "Monumento a Los Caídos" do tipo espanhol. Pelo contrário, aqui se celebra a concórdia evitando ou superando os derramamentos de sangue. O coração do Brasil bate pacificamente.

Dai a idéia congraçadora do Panteão da Liberdade e da Democracia, na Praça dos Três Poderes, cerne político da nacionalidade. Monumento que tinha de ser desenhado por Oscar Niemeyer, sempre presente em tudo monumental desta cidade, conjuntamente com Lúcio Costa, o urbanista.

Artistas plásticos brasileiros se somaram a eles. Murais do sulista Athos Bulcão e do nortista João Câmara. Vitral da brasileira cosmopolita Marianne Peretti, tão à vontade no Rio de Janeiro quanto em Paris. Reunidos em torno do livro sagrado com os nomes dos heróis pacíficos, não apenas os mártires. Para se evitar polêmicas, nomes consagrados até a geração anterior. Os mais próximos tendo de receber aceitação oficial pelo Congresso Nacional. Algo parecido, latino-americamente, com o Panteón de Bolívar em Caracas, com os grandes companheiros do Libertador em companhia de vultos continuadores da sua obra, até os dias atuais. O Rio de Janeiro, que já dispõe de um centro de peregrinação cívica, o Monumento da Segunda Guerra Mundial, vai somar-se a Brasília que há muito precisava de algo idêntico. Chegou a hora, é o Panteão da Liberdade e da Democracia.

Só cumpre implementar a mera inauguração das pedras que não podem falar, o espírito é que as vivifica, pela peregrinação contínua das crianças e adolescentes, além dos turistas. Para isso devem ser incluídas visitas obrigatórias nos programas escolares.

Numa espontânea complementação histórica, de um lado, no início do Eixo Monumental, está o Memorial do Fundador Juscelino Kubitschek. No extremo oposto o Panteão, inspirado na recordação de Tancredo Neves. Brasília inteira converte-se em monumento.